

PIONEIROS



Norival Francisco de Sá

O destino o trouxe para Brasília

Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Que é a Nossa Brasília. Esse é o título do primeiro poema publicado em um jornal local — *A Tribuna* — nos idos de março de 1957. O autor, Norival Francisco de Sá, havia chegado há pouco mais de três meses à nova capital e nem sabia que seus escritos iriam ser publicados. “Um amigo pegou e levou para a redação sem me falar. Quando vi, já estava publicado”, lembra o pioneiro e poeta. Norival chegou aqui em novembro de 1956 e veio atraído apenas pelo anúncio no *Diário Oficial* de que as obras para a construção de Brasília iam começar. O então secretário de Fazenda da cidade mineira Conselheiro Lafaiete nem pensou duas vezes e, sem nunca ter estado no Planalto Central, decidiu se aventurar na nova capital. “Não sei explicar o que aconteceu com as pessoas que vieram para cá naquela época. Acredito que só pode ser uma predestinação, uma coisa de destino mesmo”, afirma Norival. “Larguei tudo que tinha para abraçar um local que não tinha nada”, completa.

Dessa forma, o jovem de cerca de 18 anos deixou Minas Gerais em um avião da Real Aerovias e seguiu até Anápolis, no estado de Goiás, para depois seguir para Brasília na boléia de um caminhão que transportava cimento. Quando essa verdadeira jornada



de duas noites e três dias finalmente chegou ao fim, tudo que o pioneiro queria era conforto. Mas não foi bem isso que Norival encontrou por aqui. “Além de mato, só tinha uma barraca, a da Novacap. E mais nada. A gente dormia em lonas que nós mesmos amarrávamos nas árvores do cerrado”, conta ele, que afirma ter sido o 38º operário a chegar em Brasília. Isso sem falar nas cobras, veados e emas com os quais os pioneiros conviviam “pacificadamente”.

E as dificuldades não paravam por aí: banho, somente no riacho Paranoá; luz elétrica nem pensar; e a agência bancária mais próxima estava a quilômetros e dias de viagem distantes

daqui. “Até a comida que almoçávamos vinha todo dia de Goiânia no avião que Bernardo Sayão tinha. Era arroz, feijão, ovo, farinha, macarrão, tomate e fubá”, completa. A comunicação com a família também era difícil. “Ficamos quase dois anos sem poder mandar notícias para casa. Somente no segundo semestre de 1957, a NovaCap conseguia mandar telégrafos para as capitais com notícias nossas”, conta. Isso sem falar na falta de cartórios para realizar casamentos e cemitérios para enterrar os corpos. “Quando Bernardo Sayão morreu, o Congresso Nacional (ainda instalado no Rio de Janeiro) teve que votar uma lei de emergência autorizando o en-

terro aqui em Brasília”, conta. Até mesmo para votar, os pioneiros tinham que ir a Formosa (pioneiros com iniciais entre A e J) ou Luziânia (os demais).

O primeiro emprego de Norival na nova capital foi como responsável pelas balizas de estradas em Brasília. “A gente demarcava os eixos que as máquinas deveriam seguir para construir as ruas e avenidas de Brasília. Não era tão difícil porque Brasília foi uma cidade que ficou pronta primeiro nas pranchetas dos arquitetos”, explica o pioneiro. Norival lembra que a primeira coisa que fizeram foi demarcar a rua que liga o aeroporto — até então uma construção de madeira — ao Cruzeiro. “Preci-

NORIVAL ERA O RESPONSÁVEL PELO BARCO QUE JUSCELINO USAVA PARA ANDAR PELO LAGO PARANOÁ

sávamos terminar logo essa demarcação para que a primeira missa da cidade pudesse ser celebrada”, afirma. Aliás, difícil era encontrar a obra que não precisasse ser concluída com pressa. “Os prazos eram tão pequenos que não acreditávamos que a obra fosse terminar a tempo. Para dar conta do recado, dormíamos em média três horas por dia e trabalhávamos até mesmo dia de Natal e domingos”, lembra Norival, sem nenhuma ponta de arrependimento.

A pressa aumentava ainda mais porque o material das estruturas metálicas usadas na construção seguia uma verdadeira via crucis até chegar aqui, partindo dos EUA, passando por Santos e Anápolis até vir para Brasília. Como chovia muito em Brasília, muitas vezes os pioneiros trabalhavam molhados mesmo. “Como éramos jovens, tínhamos a saúde muito forte e quase não adoecíamos. Mesmo assim, uma vez por mês a Novacap nos fazia ir ao médico para ver se estava realmente tudo bem”, lembra.

Somente no fim de 1957, as coisas começaram a melhorar para os pioneiros de Brasília, pois o ano marca a inauguração da Cidade Livre, que trouxe para cá as agências bancárias e dos correios e telégrafos, as farmácias e os armazéns. “Tudo de madeira, pois a primeira construção em alvenaria foi o Brasília Palace Hotel”, ressalta. Primeiro,

PIONEIROS

Sem pensar duas vezes, o pioneiro deixou o emprego público em Conselheiro Lafaiete (MG) para ajudar na construção da nova capital em 1956

Arquivo pessoal



A PAIXÃO PELA
TAMBÉM PIONEIRA
MARIA CÉLIA FEZ COM
QUE NORIVAL CRIASSE
LAÇOS AINDA MAIS
PROFUNDOS COM A
CIDADE. AQUI CRIOU
OS FILHOS E CURTE OS
NETOS

“
A GENTE
DEMARCAVA OS
EIXOS QUE AS
MÁQUINAS
DEVERIAM
SEGUIR PARA
CONSTRUIR AS
RUAS E AVENIDAS
DE BRASÍLIA.
NÃO ERA TÃO
DIFÍCIL PORQUE
BRASÍLIA FOI
UMA CIDADE QUE
FICOU PRONTA
PRIMEIRO NAS
PRANCHETAS
DOS ARQUITETOS

vieram os acampamentos da NovaCap. “Fui morar no primeiro Alojamento para Funcionários Solteiros, que ficava onde hoje é a Candangolândia”.

Depois, em janeiro de 1958, foi inaugurado o primeiro restaurante comunitário, onde os pioneiros que trabalhavam na Cidade Livre faziam suas refeições. Mas não era esse o caso de Norival, que nessa época já estava chefiando o Departamento de Finanças e Administração da equipe que construíra a Barragem do Paranoá. “O nosso restaurante só ficou pronto em junho de 1958. Até lá um jipe da Novacap ia todo dia levar nosso almoço porque as obras não poderiam parar o tempo de irmos até a Cidade Livre e voltarmos depois para trabalhar”, afirma o pioneiro, que antes de estar à frente da obra “mais cara e mais demorada de Brasília” trabalhou na Usina de Saia Velha, a primeira de Brasília. “Era mais um quebra-galho do que uma usina propriamente dita. Qualquer grande fazendeiro da re-

gião tinha uma estação de luz maior do que a nossa”, confessa Norival. A barragem só conseguiu ser inaugurada em 21 de abril de 1960, mesma data da inauguração da cidade. “Juscelino inaugurou a barragem no fim da tarde e Brasília no mesmo dia à noite”, lembra.

Dos grandes nomes da história da construção de Brasília, Norival lembra de ter estado perto de pelo menos dois: o presidente Juscelino Kubitschek e o arquiteto Oscar Niemeyer. O primeiro é definido pelo pioneiro como uma pessoa incansável e simples. “Ele visitava todas as obras da cidade, sem exceção. Se fosse preciso entrar em um buraco para cumprimentar um obreiro, ele ia sem problema nenhum”, garante Norival, que era um dos responsáveis por guardar a lanterna com a qual o presidente se locomovia no Paranoá. Com Niemeyer, Norival trabalhou diretamente, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo. “Ele é uma pessoa que está

sempre de alto astral, aberta e brincalhona. Ao contrário de Lucio Costa, que chegava para trabalhar e ficava lá no escritório dele, sem quase falar com a gente”, compara o pioneiro.

Com a inauguração, Norival pôde observar a cidade que tinha ajudado a construir. “Enquanto estávamos trabalhando na construção, não apreciava o resultado do nosso esforço porque logo estava construindo outra coisa”, confirma. Também foi a partir de 1960 que os pioneiros passaram a se considerar trabalhadores de verdade, com um “horário normal e folgas semanais como qualquer outro”. Com mais calma para pensar em outros assuntos que não trabalho, Norival acabou apaixonado pela também pioneira Maria Célia, com quem se casou e teve dois filhos nascidos aqui. Com a certeza de que faria tudo de novo, o poeta Norival finaliza, emocionado: “Chegamos aqui com um grande sonho e o que construímos foi uma realidade”.

Raio X

Nome:

Norival Francisco de Sá

Idade:

64 anos

Origem:

Conselheiro Lafaiete,
Minas GeraisAno que chegou em
Brasília:

1956

Profissão:

Funcionário Público
aposentado

Esposa:

Maria Célia de Sá

Filhos:

Robespierre e Robertson

Netos:

Gabriel, Priscila, Phelipe e
Davi